LITERATURA DE CORDEL

A COLÔNIA AS ENTRADAS E AS BANDEIRAS

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Dos monarcas lusitanos,
o terceiro *D. João*,
como os outros, coerente
com a real tradição,
fez partilhar Vera cruz
entre uns poucos da nação.

As *capitanias* foram,
como sempre, com certeza,
entregues a uns fidalgos
daquela *menor* nobreza,
já que a *grande* preferia
as de outra natureza.

Com esse procedimento,
para todos, bem normal,
primeiro de ocupação,
começa o aporte real
e prossegue aqui, o *Antigo*
Sistema Colonial.

Com essas capitanias,
seguindo velhos esquemas,
a Coroa pretendia
diminuir seus problemas,
mas para alguns donatários
começaram os dilemas.

Como exemplo dessas crises,
quase como maldição,
Pero do Campo Tourinho,
a melhor explicação:
da sua Porto Seguro
foi parar na Inquisição.

Outro fato que assustou

pela atitude audaz,
a corte de D. João,
chamando as terras de *más*:
o massacre de *Coutinho*,
feito por Tupinambás.

Ao mesmo tempo que a tropa
mantendo seu otimismo,
patrulha contra os piratas,
pra manter o imperialismo,
a metrópole alicerça
o nosso *colonialismo*.

Com esse fato, entretanto,
de maneira alvissareira,
a metrópole se avança
à colônia toda, inteira,
afinal, *pra* João IV:
- a nossa vaca leiteira!.

Só que a fama do Brasil
chegava a outros burgueses,
extrapolava fronteiras,
indo além dos portugueses,
interessando os já fortes
e bem ricos holandeses.

O DOMÍNIO HOLANDÊS

Mesmo a Coroa implantando
- atitude corriqueira -
férrea administração
à colônia brasileira,
mesmo assim, os holandeses
a fizeram prisioneira.

Claro que a *ocupação*

de início, colossal,
começada na Bahia
não teve feliz final.
Logo foram rechaçados
por tropas de Portugal.

Em Pernambuco, entretanto,
esses batavos burgueses
tiveram melhor destino
os teimosos holandeses.
Por cerca de *trinta anos,*
resistiram aos portugueses.

Era fato conhecido,
desde a restauração
Portugal vinha sofrendo
forte depreciação
sobretudo no comércio,
este quase à exaustão.

Depois que enfim conseguiu
manter sua posição,
se livrar dos holandeses
e sua dominação,
impõe então Portugal,
à colônia, a exploração.

Mas a nossa economia
na relação desigual
também ficou com as sobras
da crise em Portugal;
e o pagamento da conta?
Ao império colonial.

Novas formas de opressão
para evitar reveses
em toda a economia

arquitetam os portugueses.
Daqui saem os *recursos*
aos ingleses e holandeses.

A economia local,
que de maneira insana
é totalmente assentada
na *monocultura-cana,*
perdia preço em virtude
da concorrência antilhana.

Esta foi desenvolvida
de maneira alvissareira
pelos hábeis holandeses,
em terras *além-fronteira*,
com *know-how* adquirido
na colônia brasileira.

A opressão centralizada
embora fosse legal,
pela corte portuguesa
na empresa colonial
enfraquece enormemente
a administração local.

Mantinha aqui a coroa
com função especial,
para mandar relatórios,
o funcionário *real*,
que vigiava *pro* rei
o Império colonial.

O controle da coroa
claro, sem democracia,
mesmo em fase inicial

já mostrava que seria
preservado a ferro e fogo
a real soberania.

A metrópole dedica,
há muito corroborada,
à colônia atenção
nunca dantes demonstrada.
Dali *pra* frente seria
a terra colonizada.

OS GOVERNOS GERAIS

Depois das capitanias,
criadas por Portugal,
que com raras exceções
não foi bem o ideal,
implantou o rei na colônia,
um governo, já *Geral*.

Para essa empreitada,
escolheu um cavaleiro:
o rico *Tomé de Souza,*
fidalgo aventureiro,
que buscará garantir
a ordem e mais dinheiro.

O incentivo aos colonos
é medida pra tomar,
é grande, é primordial.
É importante assentar,
dar-lhes terras, segurança,
já que aqui irão morar.

Engenhos são construídos.
É necessário investir,
pois o pau-brasil não é
bastante *pra* garantir

pleno desenvolvimento
e dar-lhes novo porvir.

Como a planta já provara
ser bastante alvissareira,
ser cultura bem rentável
nos *Açores*, na *Madeira*,
é então implantada a mono-
cultura canavieira.

É importante ressaltar
que não foi medida insana.
Essa opção da coroa
pela cultura da cana
foi por não ter encontrado
o ouro que ela reclama.

Enquanto no seu início
tudo era estrangeiro,
o índio foi mão-de-obra
pela falta de dinheiro.
Quando o lucro é arraigado,
forte tráfico negreiro.

No século dezessete,
como fosse um turbilhão,
para além de *Tordesilhas*
ocorreu grande expansão.
Portugal assim constringe
sua colonização.

Por motivos econômicos,
por seu desenvolvimento,
ou por pressão militar,
o Brasil tem grande aumento,
que vai desde o *Grão-Pará*

às terras do *Sacramento*.

Às vezes *pra* defender
- em conflitos desiguais -
a terra dos invasores
de ataques infernais.
A colônia assim se expande
muito além dos litorais.

Cai o preço do açúcar.
É notícia verdadeira.
Declina aqui na colônia
a cultura açucareira.
Surgem então impetuosas
as *Entradas* e *Bandeiras*.

Expedições que buscavam
mais que simples emoções.
Nas terras do interior,
duas grandes opções:
índios para escravizar
e boas minerações.

Após várias incursões
pelas praças pioneiras,
do brasileiro sertão,
as entradas e as bandeiras,

além do ouro e dos índios,
inflam as terras brasileiras.

O bandeirismo de presa
sempre atendia o freguês,
teve grande crescimento

sob o domínio holandês,
já que o tráfico negreiro
por ali não tinha vez.

Esse fato bem nos mostra
uma falsa ideologia:
ser contra o escravo índio
era pura hipocrisia.
Escravo negro é certeza
de lucros *pra* burguesia.

Por isso é que logo após
Portugal e os portugueses
conseguir restauração
expulsando os *holandeses*,
voltam-se ao tráfico negro
os lusitanos burgueses.

O bandeirismo então perde
posição de fino trato,
grande representação,
ficando quase abstrato.
Passa então a sobreviver
do *sertanismo-contrato*.

Nos contratos, as bandeiras
sem qualquer limitação,
passaram a ser parceiras
da oficial repressão,
atacando o negro, o índio,
contra a colonização.

Até as grandes *Missões,*
pilares da expansão,
que os jesuítas fundaram

contra a escravização,
com as *bandeiras* passaram
à portuguesa gestão.

O sistema de comboio
que a Coroa utilizava,
implantado na colônia,
os corsários, afastava.
Também era garantia:
nada se extraviava.

O Brasil não poderia
negócios realizar.
A não ser com Portugal
produtos comerciar.
Os navios daqui saídos
tinham que lá aportar.

O comércio brasileiro
aos poucos foi se fechando.
Com a coroa portuguesa,
exclusivo foi ficando.
A metrópole visava
inibir o contrabando.

Passado o tempo, porém,
reforçou o *colonial*.
A metrópole implantou
o monopólio, afinal.
Criando então, Para isso,
a *Companhia Geral*.

Colonos se revoltaram
contra essa idiossincrasia,
contra o procedimento
da malvista companhia.

Sempre privilegiando
a nobreza e a burguesia.

Nesse caldo cultural,
intenção nacionalista.
Nela cresce o *fermento*
da opressão colonialista.
Surgem então movimentos
chamados de *nativistas*.

Nas terras lá do nordeste,
colonização primeira,
onde foi mais evidente
a crise açucareira,
difícil era conseguir
a mão-de-obra negreira.

Partiram então os colonos,
apenas com arcabuz,
pros índios aprisionar.
Foi como levar a cruz.
Toparam com os jesuítas:
Companhia de Jesus!

Beckman com os liderados
se insurgiu de supetão.
Com apoios isolados
liberou a escravidão.
Durou pouco seu *reinado*:
foi preso e morto, então.

O aperto, a Coroa,
coisa nada original,
considerava ser feito
a partir de Portugal.
Imperativo é manter o

Sistema Colonial.

A colônia foi criada
- mercantil ideologia -
com a função de prover
a real economia.
Era impossível lhe dar
a menor autonomia.

Para cada movimento
contra a Corte e Portugal
que causasse alterações
no sistema colonial,
recebiam leis mais duras
da metrópole real.

GLOSSÁRIO

* **D. João III**, Rei de Portugal que decidiu pela cultura do açúcar e pela divisão da colônia em capitanias hereditárias e em governos gerais.

*** Capitanias hereditárias** foram 15 grandes lotes de terra em que foram divididos a colônia e entregues a 12 donatários escolhidos pelo rei D. João III.

***** Sistema político e econômico característico do antigo regime, no qual as metrópoles exploravam e impunham férreo controle às suas colônias.

* **D. Pero** era o Governador de Porto Seguro, que por questões políticas e econômicas tomadas contrárias à coroa foi julgado pela inquisição.

Francisco Pereira Coutinho, o *Rusticão*, donatário da Bahia, fundou a Vila do Pereira, Vila Velha. Em fins de 1546, após um naufrágio, vindo de Porto Seguro, foi aprisionado e morto ritualmente pelos tupinambás.

* **Expressão** atribuída a D. João IV, se referindo ao Brasil como o grande fornecedor de riquezas para Portugal.

* O início da efetiva **ocupação** foi na Bahia, em **Salvador**. Também foi lá que os holandeses fizeram a primeira tentativa de ocupação de terras brasileiras. Foram rechaçados.

* Em **Pernambuco**, os holandeses finalmente conseguiram realizar seu intento. Invadiram, conquistaram e lá permaneceram por 24 anos – 1630/1644 -, com o

príncipe Maurício de Nassau – 1637/ 1944. Recife, durante esse período foi uma cidade agradável e civilizada. Para os holandeses era a *Zulkerland*: a terra do açúcar.

* Os **holandeses** desenvolveram o ***know-how*** no cultivo da cana e na produção do açúcar, levando-os a seguir, quando saíram do Brasil, para as Antilhas onde passaram a produzi-lo, desbancando com isso, em bem pouco tempo, a produção brasileira.

* **Funcionário de confiança** do rei português, que vigiava o desempenho do governador-geral, informando tudo que ocorria à corte. Era uma espécie de *olhos e ouvidos do rei*.

* **Governo Geral,** que centraliza o poder no Brasil, em 1548. Pairava acima dos capitães hereditários, porém era subordinado ao rei de Portugal, na época D. João III.

* **Tomé de Souza**, o 1º governador-geral do Brasil – 1549/53. Fundou Salvador, a 1ª capital brasileira. Em 1551, foi criado o 1º Bispado, que teve **D. Pero Fernandes Sardinha** como Bispo primaz. "A Igreja era parte integrante do poder ideológico e repressivo do Estado Português" (ALBUQUERQUE, M. Maurício de. *Pequena História da Formação Social Brasileira*. Rio de Janeiro, ed. Graal,1986:183).

* **Ilhas dos Açores** e **da Madeira**. Possessões portuguesas no Atlântico, onde a experiência com o cultivo da cana-de-açúcar já dera bom resultado.

*** O Tratado de Tordesilhas**, assinado em 1494, entre Portugal e Espanha, *dividiu* o Novo Mundo descoberto entre os dois países, com o apoio da Igreja, é claro. Afinal, a voz do Papa era a voz de Deus.

*** O Grão-Pará**, província do extremo-Norte, hoje estado do Pará; e **Sacramento**, no extremo sul. A partir de 1828: o novo país: **Uruguai**.

***** As **Entradas** eram expedições oficiais que respeitavam os limites estabelecidos por Tordesilhas. As **Bandeiras** eram expedições de iniciativa privada, militarizadas, que quase sempre desrespeitavam Tordesilhas. Ambas procuravam ouro, prata e pedras preciosas, também aprisionavam índios, para escravidão. **Raposo Tavares**, com sua bandeira, de uma só vez aprisionou 20.000 guaranis, nas missões.

* **Sertanismo-contrato**: as bandeiras organizadas e contratadas pela aristocracia rural ou pela metrópole para qualquer tarefa como caçar e matar índios ou negros fugidos. **Domingos Jorge Velho** foi o mais famoso bandeirante de contrato, que destruiu em 1694 o famoso quilombo de Palmares, em Alagoas, no qual pereceu o líder negro Zumbi, comemorado hoje, no dia 20/11.

*** Missões jesuíticas** no sul do país. Os acordos assinados entre Portugal e Espanha colocaram-nas em perigo, pelo **Tratado de Madrid**, de 1750. Os jesuítas reagiram e a **Guerra Guaranítica** matou ou escravizou quase 30.000 índios. Com o **Tratado de**

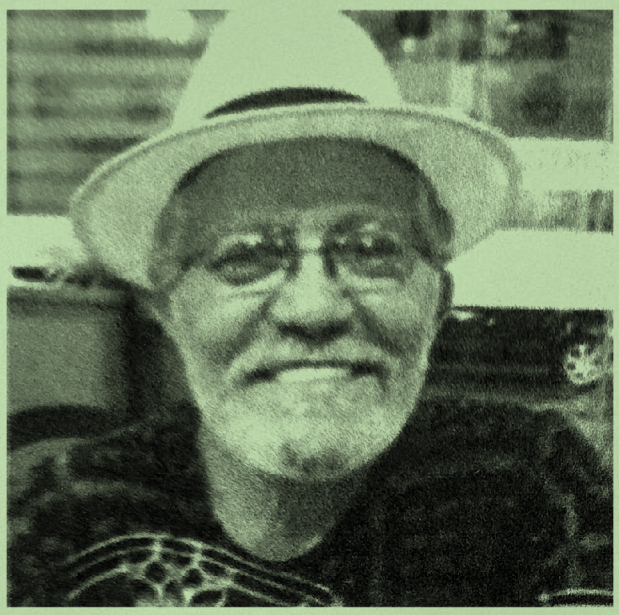
Santo Ildefonso, em 1777, Portugal perdeu **os 7 Povos das missões**. Em 1801, com o **Tratado de Badajós**, finalmente Portugal ocupou a região. A Espanha ficou com **Sacramento**.

* A **Companhia Geral de Comércio** foi fundada pelos portugueses e tinha como objetivo fornecer escravos africanos a preço oficial e a crédito aos colonos. Os conflitos com os jesuítas e outras ordens religiosas

* Esses **movimentos nativistas** basicamente defendiam os interesses das classes proprietárias contra a dominação colonial. Foram,: **Revolta de Beckman**, 1684-5; **Guerra dos Emboabas**, 1707-9; **Guerra dos Mascates**, 1710-14 e a **Revolta de Vila Rica**, 1720.

*** A Companhia de Jesus**, Instituição católica criada com a contrarreforma e que congregava os jesuítas. Foi responsável em grande parte pela educação dos filhos dos colonos – ler, escrever e contar – e catequese na colonização do Brasil, Seu fundador foi o **Padre Manuel da Nóbrega** que veio com **Tomé de Souza** em 1549. Em 25 de janeiro de 1554, fundou o Colégio São Paulo, hoje a cidade de São Paulo.

*** Revolta** ocorrida no **Maranhão**, em 1684-5, liderada por **Manuel Beckman**, senhor de engenho, contra o monopólio da Cia. Geral do Comércio e contra os jesuítas à proibição de escravização indígena. Beckman foi morto em 1685.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013